

A man in a dark suit is standing at the bottom of a dark tunnel, looking up towards a bright light at the end of the tunnel. The light creates a strong lens flare effect. The overall mood is one of hope and anticipation.

SURPREENDIDO PELA

# ESPERANÇA

**N. T. Wright**

SURPREENDIDO PELA  
**ESPERANÇA**

---

N. T. WRIGHT

SURPREENDIDO PELA  
**ESPERANÇA**

TRADUZIDO POR JORGE CAMARGO

**ultimato**   
VIÇOSA/IMG

---

# Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

PARTE 1 — Preparando o cenário

1. Vestidos e arrumados, mas sem ter aonde ir

2. Confusão sobre o paraíso

Crédito

À GRATA MEMÓRIA DE

*Stephen Neill, George Caird e Charlie Moule,  
mestres, estudiosos, pastores e amigos,  
na esperança segura e certa da ressurreição dos mortos.*

# PREFÁCIO

O que estamos esperando? E o que faremos enquanto isso?

Estas são as duas perguntas que moldam este livro. Primeiro, ele fala da esperança futura final contida no evangelho cristão, ou seja, esperança por “salvação”, “ressurreição”, “vida eterna” e todas as outras coisas que as acompanham. Segundo, trata da descoberta da esperança no mundo presente: as maneiras práticas pelas quais a esperança pode ressurgir em comunidades e indivíduos, seja qual for a razão para a falta dela. Além disso, este livro fala sobre como a opção pela primeira pode — e deve — gerar e sustentar a segunda.

Tenho observado que a maioria das pessoas — inclusive muitos cristãos — não tem ideia do que seja a verdadeira esperança cristã futura. Muitos — de novo, muitos cristãos, infelizmente — nem esperam que os cristãos tenham algo a dizer sobre esperança no mundo presente. Não conseguem perceber como ambas estão relacionadas. Daí o título do livro: a esperança surge como uma surpresa, em vários níveis de uma vez.

No primeiro nível, *Surpreendido pela Esperança* fala sobre a morte e o que pode ser dito, numa perspectiva cristã, sobre o que vem depois dela. Não pretendo fazer uma análise da morte e suas consequências em termos físicos ou médicos, nem uma descrição psicológica ou antropológica das crenças e práticas relacionadas a ela. Há uma grande quantidade de livros sobre esse assunto. Minha abordagem do tema é a de um teólogo bíblico, que recorre a outras disciplinas quando necessário, mas que espera suprir aquilo

que lhes falta, o que a igreja também precisa recuperar: a resposta cristã clássica à questão da morte e do além, atualmente mais desconhecida que rejeitada, tanto pelo mundo quanto pela igreja. Uma pesquisa sobre vida após a morte realizada na Inglaterra em 1995 indicou que, embora a maioria das pessoas acreditasse em algum tipo de vida após a morte, somente uma pequena minoria, inclusive entre os frequentadores de igreja, cria na posição cristã clássica da ressurreição corpórea futura.

Embora muitos cristãos usem a palavra “ressurreição”, eles a consideram sinônimo de “vida após a morte” ou de “ir para o céu”, e, quando pressionados, admitem a mesma confusão que o resto do mundo. E alguns autores cristãos, ao tocar no tema da morte, evitam falar de ressurreição e tudo que ela implica, aparentemente sem imaginar que isso pode provocar danos.

Antes de prosseguir, preciso fazer uma ressalva. Talvez eu não seja a pessoa mais indicada para falar sobre morte; afinal, estou com quase 60 anos e, com essa idade, sou a pessoa menos enlutada que conheço. Não fui atingido por tragédias e quase todos os meus parentes têm tido uma vida longa. Reconheço que isso não é comum e me sinto especialmente grato por tal privilégio. Além disso, embora tenha sido ordenado há quase trinta anos, minha vocação levou-me a desenvolver um ministério mais voltado para as universidades, de um lado, e para o trabalho na catedral e na diocese, de outro, de modo que officiei menos funerais e cultos *in memoriam* em toda a minha vida do que a maioria de meus colegas em seus primeiros dois ou três anos de atividade ministerial. Estive poucas vezes à beira de um leito de morte. No entanto, embora tenha muito a aprender sobre essas questões, procurei compensar essa deficiência como poucos têm a chance de fazer: mergulhando na vida e no pensamento dos primeiros cristãos.<sup>1</sup> Ao fazer isso, percebi que a voz deles não tem sido desprezada — ela simplesmente não tem sido ouvida. Assim, meu objetivo ao escrever este livro é trazer de volta as crenças dos cristãos primitivos, convicto de que eles

oferecem não apenas a melhor esperança, mas também a mais bem *fundamentada*, que é uma esperança que nos une à esperança que motiva nosso trabalho em prol do reino de Deus aqui e agora.

No segundo nível, então, *Surpreendido pela Esperança* trata da fundamentação da teologia prática e até mesmo política, ou seja, oferece uma reflexão cristã sobre a natureza da tarefa que assumimos ao buscar trazer o reino de Deus ao mundo real e sofrido em que vivemos. (Peço desculpas aos bibliotecários pela confusão que isso talvez cause: este livro deve ser catalogado em “escatologia” (morte, julgamento, céu e inferno) ou “política”?) Aqui, também, cabe uma ressalva. Não sou político, embora seja membro do Parlamento Britânico por conta de minha função. Nunca disputei um cargo público nem participei ativamente de nenhuma campanha em favor de muitas causas que considero válidas — no sentido de discursar, escrever artigos ou participar de passeatas e protestos. Tenho procurado me envolver de outras formas. No entanto, cresce em mim a convicção de que os assuntos nos quais tenho me especializado e as situações pastorais que tenho enfrentado todos os dias nas igrejas de minha diocese, muitas das quais têm sofrido severamente por causa das crueldades anônimas dos últimos 50 anos, nos desafiam a refletir sobre o que os cristãos deveriam estar dizendo e pensando sobre a redescoberta da esperança no mundo público e político. Ao fazer isso, pude notar que as duas dimensões da esperança aparecem juntas repetidas vezes. Entrego aos críticos essas duas ressalvas — minha inexperiência com o sofrimento e com a política — e espero que a descoberta da esperança cristã futura e presente estimule e renove os que trabalham, melhor do que eu, tanto com os que estão morrendo quanto com os desamparados.

Apenas mais uma observação. As palavras usadas para descrever o futuro, como qualquer economista ou político pode atestar, são como placas sinalizando o caminho em meio à neblina. “Vemos como em espelho, obscuramente”, diz o apóstolo Paulo ao olhar para o que há de vir. Toda a

linguagem sobre as condições futuras do mundo e de nós mesmos não passa de imagens complexas que podem ou não corresponder à realidade final. Isso não significa que se trata de especulação de alguém nem que qualquer opinião é tão boa quanto as demais. E se em meio à neblina aparecer alguém para nos indicar o caminho? Este, de fato, é o ponto central, embora frequentemente ignorado, da fé cristã.

Este livro é uma compilação de palestras proferidas originalmente na Abadia de Westminster, na Inglaterra, durante o ano de 2001. Algumas foram transformadas na Conferência de Stephenson, em Sheffield, na primavera de 2003; algumas foram apresentadas na igreja de Holy Trinity, em Guildford, também na primavera de 2003; outras foram transformadas na Conferência de Didsbury, no Nazarene College, em Manchester, em outubro de 2005. Algumas surgiram como fruto de estudos eclesiais na igreja de St. Andrew, em Charleston, na Carolina do Sul, em janeiro de 2005; na Igreja Episcopal St. Mark, em Jacksonville, na Flórida, em março de 2005; na igreja City, em Newcastle, também em 2005; no Centro Teológico St. Mark, em Canberra, em abril de 2006; em um sínodo de igrejas em Roanoke, na Virgínia, em março de 2007, e (como palestras de Faraday) em Cambridge, em maio de 2007. Sou profundamente grato a todos que me convidaram e me hospedaram em suas casas em cada uma dessas ocasiões, especialmente àqueles que, com suas perguntas e comentários argutos, têm me ajudado a pensar nessas questões, evitando assim alguns erros. Agradeço ao site Ship of Fools por ter me autorizado a usar o texto que incluí no apêndice, com pequenas modificações. Agradeço também a Nick Perrin, por suas sugestões sempre bem-vindas e pela ajuda na preparação dos textos durante o tempo em que serviu na Abadia de Westminster. Por fim, agradeço, como sempre, a Simon Kingston, Joanna Moriarty e à dedicada e vigorosa equipe da SPCK.

N. T. WRIGHT  
Auckland Castle

- 
1. Veja, em particular, *The new testament and the people of God* (1992); *Jesus and the victory of God* (1996); *The resurrection of the Son of God* (2003) e *Paul; fresh perspectives* (2005). Os três primeiros compõem a série *Christian Origins and the Question of God*. Todos foram publicados pela SPCK em Londres e pela Fortress Press em Minneapolis; o título deste último na versão norte-americana é *Paul in fresh perspective*. Em referências subsequentes, essas obras são citadas como *NTPG*, *JVG*, *RSG* e *Paul*.↵

## PARTE 1

# PREPARANDO O CENÁRIO

# 1.

---

## VESTIDOS E ARRUMADOS, MAS SEM TER AONDE IR

Cinco imagens preparam o cenário para o tema deste livro. A primeira, corresponde a um fato ocorrido no outono de 1997, quando a Inglaterra mergulhou em uma semana de luto nacional pela morte da princesa Diana, culminando com o extraordinário culto fúnebre na abadia de Westminster. Pessoas de todo o país e de várias partes do mundo levaram flores, ursinhos de pelúcia e outros objetos às igrejas, catedrais e prefeituras, enfrentando longas filas para deixar mensagens tocantes, e por vezes constrangedoras, nos livros de condolências. Outras manifestações públicas de tristeza, talvez um pouco menores, ocorreram em 1989, na tragédia de Hillsborough (quando muitos torcedores morreram pisoteados) e em 1995, no atentado a bomba na cidade de Oklahoma. Todas essas situações revelam uma mistura de crenças, suposições, emoções e superstições sobre o destino dos mortos. A reação das igrejas mostrou o quanto temos nos afastado da crença cristã tradicional sobre o assunto.

A segunda imagem envolve uma situação absurda, porém com graves implicações. Em 1999, despertei certa manhã e ouvi no rádio a notícia de que uma figura pública havia sido demitida por declarações heréticas sobre a vida após a morte. Procurei ansiosamente por mais detalhes. Algum bispo

ou teólogo radical teria sido desmascarado? Não! As declarações eram de um técnico de futebol! Glenn Hoddle, o dirigente da seleção inglesa, havia confessado publicamente sua crença na reencarnação, pela qual os pecados cometidos numa encarnação seriam punidos com deficiências na próxima. Representantes de deficientes físicos manifestaram forte oposição, e Hoddle foi despedido. Este episódio revelou na ocasião quanto a ideia de reencarnação estava se tornando popular na Inglaterra, e seria muito estranho se os hindus (muitos dos quais sustentam crenças semelhantes) fossem proibidos de treinar a seleção nacional.

A terceira imagem não é algo inusitado. A cena é facilmente identificável. Alguns carros se aproximam em baixa velocidade e param diante de um antigo edifício na periferia da cidade. Vinte ou trinta pessoas descem dos carros e entram no prédio. Ao fundo, ouve-se uma suave melodia tocada em um órgão eletrônico de som metálico. Alguém diz algumas palavras. Um botão é pressionado por um senhor de olhar solene. Em seguida, todos se retiram e vão para suas casas tomar uma xícara de chá e refletir sobre o significado de tudo aquilo. A cerimônia de cremação, praticamente desconhecida no Reino Unido cem anos atrás, é hoje a preferida da grande maioria. Essa escolha reflete algumas mudanças de atitude sutis, porém de grandes proporções, em relação à morte e tudo o que vem depois.

O texto com a descrição dessas três cenas foi escrito no início de 2001. Na segunda metade desse ano presenciamos um quarto momento, bastante conhecido, porém muito trágico e extremamente difícil de descrever. Os eventos ocorridos em 11 de setembro de 2001 ficarão gravados para sempre na memória global; as milhares de pessoas que morreram e as dezenas de milhares que sofreram perdas evocam nosso amor e nossas orações. Não direi muito mais sobre esse dia, mas para muitas pessoas ele suscitou mais uma vez, muito nitidamente, as questões que procuramos discutir neste livro. Os três “desastres naturais” gigantescos de 2004 e 2005 trouxeram de volta essas mesmas questões: o *tsunami* asiático logo após o Natal de 2004; os

ciclones na costa do Golfo, nos Estados Unidos, em agosto de 2005, provocando grande devastação na região de Nova Orleans, e o terrível terremoto que atingiu o Paquistão e a região de Cashemira, em outubro do mesmo ano.

A quinta imagem é a de um tipo diferente de cemitério. Se você for à vila histórica de Easington, no condado de Durham, e descer a colina em direção ao mar, chegará à uma cidade chamada Easington Colliery. O nome da cidade ainda se refere ao tipo de atividade praticada naquele local [*colliery*: mina de carvão, em inglês], mas atualmente não há mais minas de carvão ali. No lugar da mina, onde milhares de pessoas trabalhavam e produziam carvão com maior rapidez e eficiência que na maioria das outras, hoje há um terreno plano coberto de grama. Vazio para os olhos, porém grávido de luto. Por toda parte, a despeito do esforço heróico dos líderes locais, há sinais da destruição pós-industrial, fruto das disputas de poder de outras pessoas. Essa imagem permanece em minha mente como um símbolo, ou antes, como uma pergunta simbólica. Há alguma esperança para as comunidades que perderam seu rumo, seu estilo de vida, sua coerência, sua *esperança*?<sup>1</sup>

Este livro aborda duas questões que têm sido frequentemente tratadas de modo distinto, mas que a meu ver estão intimamente ligadas. Qual é a esperança suprema do cristão? Há esperança de mudança, de resgate, de transformação, de novas possibilidades no presente? A resposta a essas perguntas precisa levar em conta o seguinte: enquanto entendermos que a “esperança cristã” é “ir para o céu”, e que a “salvação” é algo essencialmente *distante* deste mundo, as duas perguntas parecerão inevitavelmente inconciliáveis. De fato, alguns insistem que responder à segunda pergunta é ignorar a primeira, que é o que realmente importa. Outros, por sua vez, ficam irados quando as pessoas falam de ressurreição, como se isso estivesse desviando a atenção dos assuntos realmente importantes e urgentes no mundo presente. No entanto, se a “esperança cristã” é para a nova criação de Deus, para “novos céus e nova terra” — e

se essa esperança já se manifestou na vida de Jesus de Nazaré — então estamos certos ao unir as duas perguntas. E se de fato é assim, constatamos que as respostas estão também relacionadas. Muitas pessoas — inclusive muitos cristãos — se surpreendem ao perceber que a esperança cristã é diferente do que imaginam, e que essa mesma esperança oferece uma base firme e estimulante para desempenharmos nosso papel no mundo atual.

Assim, no primeiro capítulo deste livro procurei preparar o cenário e levantar algumas questões ao analisar a confusão do mundo atual — o mundo no sentido mais abrangente, fora dos limites da igreja — sobre a vida após a morte. No segundo capítulo, volto minha atenção para a igreja, onde me parece que há uma incerteza semelhante e preocupante, ressaltando as perguntas-chave e sugerindo algumas formas de respondê-las.

Estou cada vez mais convencido de que a maioria das pessoas, incluindo a maior parte dos cristãos praticantes, se sente confusa e desorientada quanto a estas questões, o que induz a graves erros na maneira de pensar e de orar, nas liturgias, na prática da vida cristã e em especial, na forma de entender nossa missão no mundo. Além disso, como indicam os exemplos citados no começo desse capítulo, o mundo não-cristão, ao menos no Ocidente, não só se sente confuso sobre suas próprias crenças, como também em relação às crenças que imaginam que os cristãos deveriam ter. Em geral, as pessoas supõem que os cristãos creem numa “vida após a morte” no sentido genérico, e não imaginam como as noções mais específicas sobre ressurreição, juízo, segunda vinda de Cristo e outras se encaixam nesse sistema de crenças, nem como se relacionam com os interesses urgentes do mundo real.

A questão não é simplesmente estabelecer o que devemos crer em relação a alguém que morreu, ou sobre o nosso provável destino pós-morte, embora isso também seja importante. Trata-se de refletir seriamente sobre os propósitos de Deus para o mundo e o que ele tem feito nesse sentido, como parte desses propósitos. De Platão a Hegel, alguns dos mais importantes

filósofos declararam que nossa crença sobre a morte e sobre o que vem depois é a principal razão para refletirmos seriamente sobre todas as outras coisas. Os teólogos cristãos deveriam incentivar esse tipo de reflexão.

Portanto, não adiaremos mais esse assunto e passaremos diretamente às discussões que ele tem provocado em todas as partes do mundo, especialmente fora dos muros da igreja.

## CONFUSÕES SOBRE A ESPERANÇA NO MUNDO INTEIRO

Há uma grande variedade de crenças sobre a morte e sobre o que vem depois. Uma rápida passada de olhos pelas religiões mais tradicionais desmente a velha ideia de que todas as religiões são basicamente iguais. Há uma enorme diferença entre o muçulmano que crê que um menino palestino morto por soldados israelenses vai direto para o céu, e o hindu, para quem o rigoroso esforço do *carma* significa que alguém deve retornar em um corpo diferente a fim de passar para o próximo estágio de seu destino. Há uma enorme diferença entre o judeu ortodoxo que crê que todos os justos ressuscitarão fisicamente para uma nova vida, e o budista que espera desaparecer, depois da morte, como uma gota no oceano, perdendo assim sua própria identidade no grande, desconhecido e amorfo Além.<sup>2</sup> Há ainda importantes variações entre diferentes ramificações ou escolas de pensamento dentro de cada uma dessas grandes religiões.

Portanto, há uma enorme variedade de crenças sobre a situação atual dos mortos. Em algumas regiões da África, há a crença de que os ancestrais desempenham um papel relevante na vida comunitária e familiar, com vários e complexos rituais visando buscar sua ajuda ou evitar que eles façam algum mal. Muitas destas crenças, como alguns leigos do Ocidente poderiam arrogantemente presumir, não estão restritas aos chamados “povos primitivos”. O antropólogo Nigel Barley conta como encontrou um colega japonês altamente qualificado que havia trabalhado com ele no Chade.

Enquanto Barley ficou fascinado pelo “complicado sistema de adoração ancestral envolvendo ossos e a destruição do esqueleto e vários tipos de permuta entre mortos e vivos”, seu amigo japonês achou tudo aquilo uma grande bobagem. Barley comenta:

Por ser budista, ele evidentemente tinha um santuário na sala de sua casa, no qual eram oferecidas ofertas regulares aos seus ancestrais [...] Quando ele foi para a África, levou alguns ossos da perna de seu pai, cuidadosamente embrulhados em um tecido branco, para assegurar-lhe proteção durante o trabalho no campo. Para mim [Barley comenta], a adoração aos ancestrais era algo a ser detalhado e analisado. Para ele, a ausência de ligações entre os vivos e os mortos é que exigia uma série de explicações.<sup>3</sup>

Entretanto, tenho observado em meu próprio país a existência de uma variedade enorme de crenças e práticas reveladoras associadas à morte e à vida depois da morte. Suspeito que em nenhum momento a ortodoxia cristã sobre esse assunto tenha sido a crença geral da maioria das pessoas na Inglaterra. Já na época vitoriana havia uma profusão de crenças e intensos debates, com dúvidas sobre as questões de fé. A famosa pintura de Henry Alexander Bowler intitulada *The Doubt: Can These Dry Bones Live?* feita entre 1855/56, resume bem a questão. Nela, vemos uma jovem se curvando sobre a lápide de um certo John Faithful, que traz a seguinte inscrição: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Na lápide ao lado está a palavra RESURGAM — “eu ressuscitarei” — comum em muitos túmulos da época. Vemos um cavalo alazão como que surgindo do túmulo, e uma borboleta, simbolizando a alma, pousada sobre uma caveira. As questões inquietantes e confusas suscitadas por essa imagem combinam com as perguntas contidas no grande poema de Tennyson, *In Memoriam*. No último poema de suas obras selecionadas, escrito em 1889, três anos antes de sua morte, é possível

perceber, inicialmente, a influência da visão budista, para depois mudar de direção e terminar com um comentário cristão:

Pôr do sol e estrela da noite,  
Eis um chamado claro para mim!  
Talvez não haja lamentos na barreira  
Quando eu partir para o mar.

Mas quando essa maré  
Que sai do profundo sem limites,  
Plena de sons e espuma,  
Volta novamente para casa  
Parece adormecida ao se mover.

Crepúsculo e sino da noite,  
Em seguida, a escuridão!  
Talvez não haja tristeza, nem despedidas  
Quando eu embarcar;

Pois embora do nosso riacho de Tempo e Lugar  
A torrente possa me levar para longe,  
Espero contemplar meu Piloto face a face  
Quando aquela barreira eu tiver que cruzar.<sup>4</sup>

Compare esse texto, no entanto, com a visão mais notadamente ortodoxa de Rudyard Kipling, em um poema de 1892. Não sei o quanto ele acreditava realmente nisso, além do mais, trata-se de uma obra de arte, e não de teorias sobre a vida futura. Porém, suas ideias se baseiam claramente na crença cristã de que, após um período de descanso, haverá uma nova vida, em um novo corpo.

Quando a última tela for pintada e os tubos estiverem  
Retorcidos e secos,  
Quando as cores mais antigas tiverem desbotado, e o crítico mais jovem  
tiver morrido,  
Iremos descansar, e, fé, precisaremos disso — enquanto estivermos  
deitados por um período longo ou dois,  
Até que o Mestre de Todos os Bons Trabalhadores nos ponha novamente  
para trabalhar.

E aqueles que foram bons ficarão felizes: eles se sentarão em uma  
cadeira de ouro;  
Eles espalharão tinta numa tela de dez léguas, com pincéis de crina de  
cometas.  
Encontrarão santos verdadeiros para inspirá-los — Madalena, Pedro e  
Paulo;  
Trabalharão durante uma era e nunca se cansarão!

E receberão elogios apenas do Mestre, e censuras somente do Mestre;  
Ninguém trabalhará por dinheiro, ou para obter fama;  
Mas pela alegria de trabalhar, e cada qual em sua estrela,  
Desenhará tudo o que vê na forma como o Deus de todas as coisas vê —  
Como elas realmente são!<sup>5</sup>

Essa variedade de crenças surgidas no final do século 19 teve forte  
influência, como veremos, nos hinos e orações da igreja.<sup>6</sup>

Voltando rapidamente aos poetas, vejamos o que Shakespeare tem a dizer  
sobre esse assunto. Em *Measure for Measure*, o duque se dirige ao  
condenado Cláudio, encorajando-o a encarar a morte. A vida em si mesma,  
ele diz, não vale muito, e a morte talvez seja igualmente boa:

O melhor descanso é o sono.  
E isso tu quase sempre incitas; no entanto, temes tanto  
Tua morte, que não é nada mais que isso. Tu não és tu mesmo;  
Pois existes em milhares de grãos  
Que surgem do pó. Feliz tu não és;  
Pois o que não tens, ainda lutas por obter,  
E o que tens, esqueces que tens... sejas rico, ou sejas pobre;  
Pois, como um jumento que se inclina sob o peso da carga,  
Tu carregas tuas pesadas riquezas apenas por uma jornada,  
E te livras delas com a morte... o que ainda resta  
Daquilo que chamas vida? Embora nesta vida  
Permaneçam ocultas milhares de mortes amargas, ainda assim tememos a  
morte,  
Que elimina todas as desigualdades.

Cláudio inicialmente parece concordar com esse argumento:

Agradeço-te humildemente.  
Ao suplicar por viver, descobri que busco morrer;  
E buscando a morte, encontrei a vida. Que ela venha.

Logo depois, no entanto, ao conversar com Isabella, que se dispõe a sacrificar sua própria honra para salvá-lo, Cláudio se vê diante de um dilema. A morte, ele diz então, é uma coisa terrível.

Sim, mas morrer, e não saber para onde ir;  
Deixado em total desamparo, apodrecer;  
Sentir esse cálido movimento se transformar em  
Um monte de terra amassada; e deleitar o espírito  
Ao banhar-se em torrentes impetuosas ou morar

Em trêmulas regiões de grossas camadas de gelo;  
Ser aprisionado por ventos invisíveis,  
E arrastado violentamente, suspenso,  
Ao redor do mundo; ou ser o pior dos piores  
Entre os falsos e os que duvidam.  
Imagine uivar — é terrível demais.  
O pior e o mais adverso tipo de vida  
Que idade, dor, penúria e prisão  
Possa nos impingir é um paraíso  
Para aqueles que temem a morte.<sup>7</sup>

O consolo é apenas aparente; a realidade amarga ainda está presente.

Retornando à época atual, a Primeira Guerra Mundial resultou em uma grande quantidade de mortes e levou as pessoas a refletirem sobre o seu significado. Alguns historiadores têm sugerido que a crença no inferno, já combatida pelos teólogos no século 19, foi uma das maiores baixas da Grande Guerra. O inferno na terra já era tão grande que as pessoas não podiam crer que Deus seria capaz de criar um lugar assim no mundo vindouro. Mas isso não significa que as pessoas acreditassem no universalismo cristão, no céu cristão ou na ressurreição para todos, ou ao menos para a maioria. Ao contrário, muitos adotaram uma postura completamente diferente, já esboçada por Shelley em seu célebre poema a Keats:

Paz, paz! Ele não está morto, nem dorme —  
Ele despertou do sonho da vida —  
Somos nós que, perdidos em visões tempestuosas, defendemos  
Com fantasmas uma contenda inútil...  
  
Ele se fez um com a Natureza: ali é ouvida  
Sua voz nos diferentes sons, do gemido

Do trovão, à doce canção do pássaro da noite;  
Ele é a presença a ser sentida e conhecida  
Na escuridão e na luz, na erva e na pedra,  
Espalhando-se por onde quer que esse Poder se mova  
E que tem retirado de seu próprio ser...

Ele é uma porção da beleza  
Que cada vez se faz mais bela; ele faz a  
Sua parte, enquanto seu Espírito se move rapidamente  
Por esse estúpido e vagaroso mundo...

Sou carregado secretamente, temerosamente, para longe  
Enquanto o véu interior do céu é rompido de lado a lado.  
A alma de Adonias, como uma estrela,  
Brilha na morada do Eterno.<sup>8</sup>

O ateu Shelley sabia perfeitamente que essa visão neoplatônica da transformação da alma em parte da beleza do universo estava bem longe da crença cristã tradicional. O mais irônico é que muitos expressam sentimentos semelhantes, imaginando que sejam cristãos e esperando que sejam lidos em voz alta durante os funerais cristãos. Voltarei a esse assunto mais adiante. Essa mesma opinião pode ser vista em Rupert Brooke, ao se dirigir aos seus amigos em 1914:

Quando eu morrer, pense apenas nisso sobre mim:  
Que há um lugar em um campo distante  
Que será sempre Inglaterra. Haverá  
Nessa terra rica uma poeira oculta, ainda mais rica;  
Uma poeira que a Inglaterra abrigou, moldou, conscientizou,  
Deu, certa vez, flores para amar, caminhos para percorrer,

Um corpo da Inglaterra, respirando ar inglês,  
Lavado pelos rios, abençoado pelo sol do lar.

Pense então, que nesse coração, livre de todo o mal,  
Pulsa uma eterna lembrança, nada menos,  
Que traz de algum lugar o espírito inglês,  
Suas paisagens e sons; sonhos felizes como naquele dia;  
E risos, que aprendi com os amigos; e cortesia,  
E corações em paz, sob um céu inglês.<sup>9</sup>

Esse céu pode ser inglês, mas certamente não é o céu da tradição cristã ou do Novo Testamento. Imagens semelhantes a essa são comuns em escritores como George Eliot, que fala do “morto imortal que volta a viver/ na memória que se torna melhor por sua presença”.<sup>10</sup>

A maior manifestação de pesar anterior à tristeza pela morte da princesa Diana foi o funeral do Soldado Desconhecido, em novembro de 1920. Nessa ocasião, milhões de pessoas que perderam seus familiares e não puderam sepultá-los, tiveram a chance de chorar por eles, como se esse desconhecido fosse na verdade seu próprio filho ou marido. Foram tantas mortes naqueles dias, seguidas de muitas outras mortes menos de uma geração depois, com a Segunda Guerra Mundial, que me fizeram pensar se a atitude britânica no século 20 em relação à morte não seria uma decorrência do fato de termos que lidar com tantas coisas. Fui criado em uma cultura que silenciava sobre a morte; as crianças que viveram nos anos 50 pouco ouviram falar sobre isso. Até os vinte anos eu nunca tinha ido a um funeral. Talvez essa tenha sido uma reação contra visíveis práticas vitorianas melodramáticas no leito de morte ou durante os funerais. Talvez os adultos quisessem proteger no silêncio do sepultamento seu próprio pesar, que poderia ser claramente exposto nas reações inocentes de uma criança.

Mas se a morte e a vida vindoura eram temas proibidos nos anos 50, hoje a situação é bem diferente. Há uma grande quantidade de filmes, peças e romances que tem explorado esse tema de vários ângulos. Películas como *Quatro Casamentos e um Funeral* refletem o interesse ou até mesmo a fascinação da nova geração pelas questões ligadas à morte. O público mais sombrio sente prazer na morte, não somente na violência projetada nas telas, mas também nos filmes *cult*, em que a morte é vista como o momento culminante. O niilismo gerado pelo secularismo tem feito com que muitos percam a razão para viver, trazendo a morte de volta ao ambiente cultural. A peça mais notável que vi em Londres foi escrita pela ganhadora do prêmio Pulitzer, Margaret Edson, uma professora de Atlanta, no Estado da Geórgia.<sup>11</sup> A heroína, Vivian Bearing, é uma famosa estudiosa dos *Sonetos Sagrados* de John Donne, e a trama inteira se passa na ala de tratamento de câncer de um hospital, onde ela está morrendo. Ali, no leito de morte, ela reflete sobre o grande soneto de John Donne, *Que a Morte Não se Orgulhe*, que examinaremos mais adiante. A peça fez mais sucesso em Nova York que em Londres; talvez a Inglaterra ainda não esteja totalmente preparada para enfrentar uma visão da morte na meia-idade como nossos parentes nos Estados Unidos. Porém, não há como escapar desse assunto. Enquanto eu preparava os textos para esse livro, o colunista John Diamond ganhava fama em todo o país pela maneira estoica e sutil com que descreveu seu câncer de garganta, em estágio terminal, e pelo seu ateísmo convicto, recusando qualquer consolo que incluísse algum tipo de salvação além-túmulo. Ele faleceu pouco tempo depois, mas a quantidade de cartas enviadas para sua coluna revela o grande interesse que o tema da morte, e o que pode ou não vir depois, tem despertado no mundo inteiro.

Aonde tudo isso pode nos levar? Ruth Gledhill, correspondente de assuntos religiosos do *The Times*, publicou um artigo argumentando que havia um abismo entre as religiões tradicionais e a “mágica” de várias filosofias da Nova Era, com suas seitas e superstições. Um leitor refutou o

artigo afirmando que, para aqueles que observam de fora, as igrejas é que pareciam propensas a crer em mágica. “Para os não cristãos”, ele escreveu, “muitos cristãos aparentemente creem em um cadáver reanimado”. “Se isso não é mágica” ele disse, “então não sei o que é”.

Bem, é ou não é? Em que as pessoas *de fato* acreditam quando falam sobre a Páscoa? Como isso está relacionado ao nosso Credo, quando afirmamos crer na ressurreição do corpo? O que isso significava para os primeiros cristãos, e o que poderia significar hoje? O que esperamos para depois da morte? Como as pessoas responderiam a essa pergunta se fizéssemos uma pesquisa de opinião nas ruas de nossa cidade? Considerando que uma boa teologia nunca é aquela aceita pela maioria, o que a Bíblia tem para nos dizer sobre esse assunto? O que Jesus e os apóstolos dizem?

## VARIEDADE DE CRENÇAS

É possível encontrar, nas condições atuais, três tipos de crenças, nenhuma delas correspondendo à ortodoxia cristã. Às vezes, vemos algumas tentativas de reafirmar uma visão mais tradicional, como, por exemplo, o misterioso, porém surpreendente, personagem *Pincher Martin*, de William Golding. Entretanto, a impressão geral é de que as crenças tradicionais sobre juízo, inferno e ressurreição são ofensivas à sensibilidade moderna.<sup>12</sup>

Alguns creem na aniquilação completa; isso pelo menos é algo definitivo, por mais insatisfatório que esse destino possa parecer à humanidade. E presumivelmente, é o que está nas entrelinhas da explosão de raiva de Dylan Thomas na morte de seu pai:

Não vá gentilmente para essa boa noite.

Não permita que apaguem a luz.<sup>13</sup>

No entanto, nem todos aceitam a negação completa de qualquer vida futura. Basta dar uma olhada na seção de livros “religiosos” das livrarias para perceber que mais e mais pessoas hoje parecem crer em alguma forma de reencarnação. Esse tipo de crença não está restrita apenas a hindus praticantes ou àqueles que se dizem cristãos, mas são pouco convictos, como Glenn Hoddle. No horrível, porém fascinante romance de Will Self, *How the Dead Live*, a personagem central é uma mulher londrina mal-humorada, falecida recentemente, vagando agora em uma Londres habitada por fantasmas. Ela então descobre que está condenada ao ciclo habitual de reencarnações, a menos que consiga entender aquilo que seu guia no mundo subterrâneo chama de “os ganchos e os olhos da graça”. Ao que parece, essa seria a única maneira que lhe permitiria escapar do ciclo contínuo de vida e morte:

Você tem ainda uma última chance de escapar desse ciclo... ainda dá tempo de prendê-la aos ganchos e aos olhos da graça. Se você quiser, é claro. É só você concentrar seu pensamento — ainda que por alguns instantes — nisso.<sup>14</sup>

Mas ela não consegue, e assim, nasce de novo – como um bebê infeliz, destinado a uma vida curta e brutal. Will Self parece imaginar um tipo de hinduísmo em que o esforço para concentrar o pensamento, ainda que por pouco tempo, substituindo a mente ou a alma perambulante e distraída, é a chave para escapar do ciclo contínuo de morte e nascimento. Para muitos outros, novamente a julgar pela literatura disponível, a reencarnação tem sido uma nova maneira de se praticar a psicanálise e descobrir aspectos da personalidade decorrentes de vidas passadas. Isso tudo se encaixa no contexto mais amplo da Nova Era, numa mistura de diferentes crenças esotéricas com ilusões de autoajuda e autorrealização.

Ainda dentro do conceito da Nova Era, encontramos um renascimento das visões que descobrimos em Shelley, um tipo popular de religião natural, com elementos do budismo, em que com a morte, a pessoa é absorvida na amplidão do mundo, no vento e nas árvores.

O poema anônimo deixado por um soldado a caminho da Irlanda do Norte, no caso de sua morte, expressa bem isso:

Não chore diante do meu túmulo.  
Eu não estou ali. Não estou dormindo.  
Sou mil ventos que sopram,  
Sou o brilho do diamante sobre a neve.  
Sou a luz do sol sobre o grão colhido,  
Sou a suave chuva de outono...  
Não chore diante do meu túmulo.  
Eu não estou ali. Eu não morri.<sup>15</sup>

Logo depois da morte da princesa Diana, alguém deixou uma mensagem como se fosse a própria princesa: “Não os deixarei de modo algum. Eu ainda estou com vocês. Estou no sol e no vento. Estou até mesmo na chuva. Eu não morri, estou com todos vocês”.<sup>16</sup> Muitos funerais, cultos em memória ou mesmo epitáfios atualmente refletem esse tipo de crença. Muitos pseudocristãos tentam persuadir a si mesmos e a outros que esse ciclo contínuo de reencarnações corresponde, de fato, ao ensino tradicional sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos. Já outros, como o conhecido escritor de literatura infantil Philip Pullman, afirmam claramente que estão atacando e destruindo a crença cristã tradicional e oferecendo algo melhor em seu lugar.<sup>17</sup>

Inesperadamente, o livro de Nick Hornby, *Fever Pitch* nos oferece um exemplo claro e nitidamente delineado, a partir de uma narrativa apaixonante e divertida de seu caso de amor com o futebol, e de modo especial com a

equipe do Arsenal. Ao se deparar com um torcedor morto, caído na rua, ele faz uma reflexão sobre morte e futebol. Não seria terrível, ele pensa, morrer no meio do campeonato sem saber como ele vai terminar? Veja o que ele diz:

Talvez eu morra na véspera da estreia do nosso time em Wembley, ou no dia seguinte da partida para a Copa da Europa, ou no meio de uma campanha vitoriosa ou de uma disputa para evitar o rebaixamento. Se isso acontecer, há inúmeras possibilidades, de acordo com várias teorias sobre a vida após a morte, de não conseguir saber o resultado final. O problema em relação à morte, metaforicamente falando, é que ela quase sempre acontece antes que os principais troféus tenham sido conquistados.<sup>18</sup>

Isso, para ele, é altamente insatisfatório, e o leva a especular sobre as possibilidades de vida após a morte nas quais (é claro) o futebol ainda desempenha um papel central. A cremação aparece como uma possibilidade:

Eu ficaria feliz, imagino, se pudesse ter minhas cinzas espalhadas sobre o gramado de Highbury (embora eu compreenda que deva haver restrições: viúvas demais procurariam o clube, e além disso o terreno poderia não responder favoravelmente ao receber o conteúdo de uma urna atrás da outra)... Certamente eu preferiria ser aspergido sobre a arquibancada leste do estádio do que sobre o Atlântico ou ser levado para o alto de alguma montanha.

Quem sabe esse não poderia ser um jeito diferente de “sobreviver”, ele medita:

Seria ótimo se eu pudesse ficar dentro do estádio. Poderia assistir o time principal jogar aos sábados e o reserva no dia seguinte. Gostaria de

saber que meus filhos e netos serão torcedores do Arsenal e que eu poderia assistir aos jogos com eles. Não parece uma maneira ruim de passar a eternidade... flutuando em torno do estádio de Highbury como um fantasma, assistindo aos jogos de um local privilegiado, para sempre.<sup>19</sup>

Vemos aqui a confusão geralmente aceita sobre a vida após a morte, exposta, por assim dizer, na obsessão por uma área particular da vida (na descrição do próprio Hornby).

O surgimento ou reaparecimento de algumas práticas funerárias em nossos dias revela esse mesmo tipo de confusão. O costume de colocar objetos dentro do caixão com o propósito de servir de consolo ao morto na vida futura era visto até pouco tempo atrás como uma prática interessante, mas deixada de lado no moderno mundo ocidental. Entretanto, a moda está voltando, com fotografias, joias, ursinhos de pelúcia e coisas semelhantes sendo colocados nos caixões.<sup>20</sup> Nigel Barley relata algumas histórias, contadas por funcionários de um crematório, de viúvas colocando no caixão um pacote de bolachas digestivas, ou os óculos e a dentadura do falecido. Certa ocasião, uma viúva colocou no caixão de seu marido duas latas de *spray* para cabelo, que ele costumava usar para fixar o topete. O calor fez com que as latas explodissem, entortando a porta da fornalha.<sup>21</sup> Que tipo de crença está por trás dessas atitudes?

Por fim, nas camadas populares, a crença em fantasmas e a possibilidade de contato com os mortos têm resistido longamente aos ataques da secularização. Na época em que apresentei uma série de palestras sobre esse assunto na abadia de Westminster, o mesmo informativo semanal que anunciava as palestras anunciava também que um dos fantasmas reconhecidos pela abadia desde o século 17, poderia fazer sua aparição anual quase que na mesma época. Paralelamente, há vários outros fenômenos

populares acontecendo nos dois lados do Atlântico, como o culto a Elvis, nos Estados Unidos, com características próprias.

Meus leitores certamente não terão dificuldade em reconhecer tudo que descrevi até aqui. Não pretendo apresentar uma descrição detalhada das diferentes crenças, mas apenas destacar algumas características, chamando a atenção para o fato de que todas são bem diferentes do que podemos considerar como a crença cristã ortodoxa. Posso afirmar, pelo que pude observar, que *a maioria das pessoas simplesmente não conhece a crença cristã ortodoxa*. Presume-se que os cristãos acreditam na vida após a morte, opondo-se à negação de qualquer forma de “sobrevivência”, e que toda e qualquer espécie de “vida após a morte” deve então ser praticamente o mesmo tipo (cristão) de coisa. A ideia de que a “vida após a morte” pode ter diferentes conotações, incluindo crenças significativamente diferentes sobre Deus e o mundo e influenciando decisivamente no modo como as pessoas vivem no presente, simplesmente não passa pela cabeça da maioria das pessoas no Ocidente moderno. Particularmente, essas pessoas têm pouca ou quase nenhuma ideia sobre o verdadeiro significado da palavra “ressurreição”, nem sabem por que os cristãos dizem que creem nela.

O mais preocupante é que isso acontece também dentro das igrejas. Este é o assunto do próximo capítulo.

- 
1. Veja *The cross and the colliery* (Londres: SPCK, 2007).↵
  2. David Edwards descreve uma versão moderna disso em seu livro *After death? past beliefs and real possibilities* (Londres: Cassell, 1999), p. 101ss.↵
  3. Nigel Barley, *Grave matters; a lively history of death around the world* (Nova York: Holt, 1997; originalmente publicado como *Dancing on the grave*: Abacus, 1995), p. 97.↵
  4. “Crossing the Bar” em *The works of Alfred Lord Tennyson* (Londres: Macmillan, 1898), p. 894.↵

5. Rudyard Kipling, “When earth’s last picture is painted” em *Verse*; inclusive edition 18851926 (Londres: Hodder & Stoughton, 1927), p. 223ss.↵
6. Uma informação fascinante sobre a crise da fé, e quase igual (embora não tão aclamada) a crise da dúvida, é fornecida por Timothy Larsen em *Crisis of doubt; honest faith in nineteenth-century England* (Oxford: Oxford University Press, 2007). Anthony Kenny resume a tese de modo fascinante (no *Times Literary Supplement*, de 1º de junho de 2007, p. 33): “os radicais plebeus contraíram a doença [da dúvida] num estágio iniciante: um número significativo deles recuperou-se após uma enfermidade mais longa ou curta e terminaram suas vidas como defensores do cristianismo. Membros da elite social, por outro lado, foram infectados em um estágio avançado com uma forma mais virulenta de dúvida vitoriana, e nunca se livraram dela durante suas vidas”.↵
7. *Medida por Medida*, Ato 3, Cena 1. Os mais famosos tratamentos a esse tema dados por Shakespeare são encontrados em dois famosos solilóquios: “ó que essa carne tão por demais sólida derreta” e “ser ou não ser”, em *Hamlet* (Ato 1, Cena 2; Ato 3, Cena 1).↵
8. P. B. Shelley, “Adonais”, est. 39, 42-3, 55.↵
9. Rupert Brooke, “The Soldier” (1914). ↵
10. Citado em Edwards, *After death?*, p. 44.↵
11. M. Edson, *Wit; a play* (Londres: Faber and Faber, 1999).↵
12. Veja os comentários de Pat Jalland, “Victorian death and its decline: 18501918” em P. C. Jupp e C. Gittings, ed., *Death in England: an illustrated history* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1999), p. 230-55, na página 245, referindo-se a Thomas Huxley.↵
13. Dylan Thomas, “Do not go gentle into that good night” (1952) em *The new Oxford book of english verse*, escolhido e editado por Helen Gardner (Oxford: Oxford University Press, 1972), p. 942. Reproduzido com permissão de David Higham Associates.↵
14. Will Self, *How the dead live* (Londres: Bloomsbury, 2000); por exemplo, p. 390.↵
15. O poema é frequentemente atribuído a Mary Elizabeth Frye (1904-2004), mas sua origem é às vezes disputada.↵
16. Citado em Ted Harrison, *Beyond dying; the mystery of eternity* (Oxford: Lion, 2000), p. 68, 72.↵
17. Philip Pullman, *His dark materials*, uma trilogia formada por *Northern lights*, *The subtle knife* e *the amber spyglass* (Londres: Scholastic, 1997, 2000).↵

18. Nick Hornby, *Fever pitch* (Londres: Penguin, 2000 ([1992]), p. 63.↵
19. Hornby, *Fever pitch*, p. 64. Highbury foi, até recentemente, o estádio do Arsenal.↵
20. Veja, por ex., Harrison, *Beyond dying*, p.17.↵
21. Barley, *Grave matters*, p. 84.↵

## CONFUSÃO SOBRE O PARAÍSO

### A CONFUSÃO CRISTÃ SOBRE A ESPERANÇA

Um dos sermões anglicanos mais famosos do século 20, na maioria das vezes, é também, infelizmente, citado de forma equivocada. As palavras do cônego Henry Scott Holland, da catedral de Saint Paul, aparecem no prefácio de um guia para cerimônias fúnebres bastante utilizado em funerais seculares, e milhares de pessoas pedem que elas sejam lidas em funerais e em cultos *in memoriam*:

A morte não é absolutamente nada. Ela não conta. Eu apenas fui dormir no quarto de cima. Não aconteceu nada. Tudo continua igual como sempre. Eu ainda sou eu, e você é você, e a vida afetuosa que desfrutamos juntos permanece intocada, inalterada. O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. Continue me chamando pelo nome que você costumava me chamar. Fale comigo da maneira simples como você sempre falou. Não mude o tom de voz. Não ostente uma fisionomia solene ou triste... A vida continua tendo o mesmo sentido. Ainda é a mesma de antes. Tudo continua igual. Nada pode interromper a continuidade da vida. A morte nada mais é do que um acidente de percurso. Deveria me desesperar por que as pessoas não podem me ver? Estarei esperando por você, em breve, em algum lugar

bem perto, na próxima esquina. Está tudo bem. Sem sofrimentos ou perdas. Apenas um pequeno intervalo, e então tudo será como antes. Daremos muita risada por nos preocuparmos tanto com essa separação quando nos encontrarmos novamente!<sup>1</sup>

O problema é que ninguém menciona que Scott Holland não está defendendo esse tipo de visão. Ele simplesmente está sugerindo que esse tipo de pensamento nos vem à mente quando “contemplamos o rosto inerte de alguém muito próximo a nós, e muito querido”. Nesse mesmo sermão, pregado em 1910, por ocasião da morte do rei Eduardo VII, ele fala de outros sentimentos relacionados à morte:

[A morte nos parece] tão inexplicável, tão implacável, tão repentina [...] é como se caíssemos numa cruel armadilha, interrompendo assim nossa alegria, numa atitude de desrespeito e desconsideração por nós [...] Além da escuridão, se esconde um segredo impenetrável [...] como o silêncio da noite. Aquele terrível silêncio!

Scott Holland tentou de alguma forma conciliar essas duas visões da morte. O cristão, de acordo com o Novo Testamento, “já passou da morte para a vida”, portanto, enfrentar a morte real não lhe parece algo tão terrível. Além disso, ele sugere que deveríamos pensar na vida depois da morte como uma continuidade desse crescimento no conhecimento de Deus e na santidade pessoal, que começa aqui. Isso levanta algumas questões que abordaremos mais adiante, mas não há dúvida de que a citação daquele conhecido trecho do sermão de Holland fora de seu contexto original é uma grave deturpação das intenções do autor. Só podemos achar estranho essa recusa em aceitar o que está acontecendo quando é isso de fato que acontece. Equivale a uma absoluta recusa em aceitar a verdade sobre a real e cruel separação provocada pela morte. Gostaria que esse livro servisse ao menos para

questionar o uso do texto de Scott Holland nos funerais cristãos. Ele não oferece nenhum tipo de consolo. Suas palavras não passam de mentiras. Não é sequer um arremedo da esperança cristã. Ele simplesmente nega o problema e a necessidade de algum tipo de esperança.

Esse texto contrasta fortemente com a teologia cristã clássica, expressa nas palavras do antigo decano da catedral de Saint Paul, John Donne:

Não te orgulhes, morte, pois embora alguns te chamem de  
Poderosa e terrível, tu não és;  
Aqueles que tu achaste que poderias derrotar  
Não morrem, pobre morte, nem ainda assim podes me matar.  
O descanso e o sono são apenas tuas imagens,  
Bastante agradáveis — porém, de ti flui muito mais;  
E em breve levarás nossos melhores homens,  
Para dar descanso aos seus ossos, e libertar a alma.  
Tu és escrava do destino, do acaso, dos reis e dos homens desesperados,  
E habitas com o veneno, a guerra e a doença.  
A papoula e as feitiçarias podem nos fazer dormir tão bem,  
Ou melhor que o teu golpe. Por que então te enches de orgulho?  
Apenas um breve cochilo, e despertaremos para sempre,  
E a morte não mais existirá. Morte, tu irás morrer.<sup>2</sup>

À primeira vista, essas palavras podem parecer semelhantes às de Scott Holland. A morte não é absolutamente nada? A morte não é realmente poderosa e terrível? Note o que dizem os dois últimos versos. A morte de fato é o grande inimigo, mas foi vencida e será por fim conquistada plenamente. “Apenas um breve cochilo, e despertaremos para sempre/e a morte não mais existirá. Morte, tu irás morrer.” John Donne não nega a importância da morte; afinal, ela é um inimigo. Porém, para o cristão, ela é um inimigo *vencido*. De acordo com o pensamento cristão clássico e com o

poema de Kipling citado anteriormente, Donne vê dois estágios na vida após a morte: primeiro, um breve cochilo, e então, um despertar eterno.<sup>3</sup> *E a morte não mais existirá.* Donne demonstra uma compreensão clara daquela que consideramos a crença central do Novo Testamento: a morte, no final, não será simplesmente redefinida, mas derrotada. Deus não permitirá que a morte tenha domínio sobre nós. Afinal, ele prometeu que no futuro nossas almas imortais deixariam para trás seus corpos mortais. Por que então a morte ainda teria domínio sobre nós, uma vez que essa é uma descrição não da *derrota* da morte, mas da própria morte, vista a partir de determinado ângulo?<sup>4</sup>

Mas, estou me adiantando muito. Veremos, oportunamente, a postura cristã clássica expressa nos credos primitivos, fundamentados no Novo Testamento. Em minha igreja, declaramos frequentemente que cremos na “ressurreição do corpo”. Mas, será que cremos realmente nisso? Muitos mestres e teólogos cristãos consideram essa declaração inadequada. Um livro publicado recentemente sobre o tema da morte e da vida futura, dedica apenas quatro páginas à ideia aparentemente estranha da ressurreição, declarando delicadamente que “o cristianismo ortodoxo atual não mais sustenta a crença na ressurreição física, preferindo o conceito da existência eterna da alma, embora alguns credos ainda se apeguem aos antigos conceitos cristãos”.<sup>5</sup> Se considerarmos essa afirmação verdadeira, então a morte não está vencida, mas redefinida — não mais um inimigo, ela agora é simplesmente um meio para a alma imortal escapar do ciclo mortal, como em Hamlet.<sup>6</sup>

## ANALISANDO AS OPÇÕES

Ao caminharmos em volta de alguma antiga igreja na Inglaterra, veremos alguns túmulos no pequeno terreno situado nos fundos da igreja. Contornando as lápides, poderemos observar que as opiniões sobre a morte e o que vem

depois oscilam entre dois polos. Alguns imaginam a morte como um terrível inimigo à espreita de sua presa. Esta posição está de acordo com a firme convicção de que a morte, embora um inimigo, será por fim derrotada. A inscrição RESURGAM, “eu ressuscitarei”, citada no capítulo anterior, significa que, como Donne e Kipling, a pessoa que está enterrada sob aquela lápide acredita que, após um curto período de sono, haverá uma nova vida em um novo corpo, no futuro. Foi daí que surgiu o costume de sepultar as pessoas com o rosto voltado para o leste, para elas ressuscitarem e irem ao encontro do Senhor quando ele voltar — embora um dos pintores mais recentes, Stanley Spencer, tenha ignorado esse detalhe ao retratar a ressurreição, colocando um toque de realismo com corpos saindo das sepulturas, no cemitério da igreja de Cookham. Voltaremos a esse assunto no capítulo dez.

O outro polo é representado pelo hino de São Francisco, *Vós Criaturas de Deus Pai*, com sua extraordinária invocação: “Tu morte amada e gentil, que aguardas nosso expirar”. Muitos hinos, orações e sermões tentam amenizar o impacto da morte apresentando-a como uma amiga que vem nos buscar para nos levar a um lugar melhor. Essa ideia foi bastante popular no século 19, repercutindo nos movimentos modernos em defesa da eutanásia. Vemos assim que o pensamento cristão tem oscilado entre dois extremos: de um lado, a morte é vista como um inimigo vil, de outro, como uma amiga bem-vinda.

Tradicionalmente, o cristianismo tem ensinado que há um céu em cima, para aonde vão os salvos e os santos, e um inferno embaixo, que é o lugar dos maus e impenitentes. Muitos ainda consideram esta a versão oficial da igreja, que pode ou não ser aceita.

Um notável exemplo pode ser encontrado no *best-seller* escrito por Maria Shriver, mulher de Arnold Schwarzenegger e sobrinha de John F. Kennedy, chamado *O Que É o Céu?*.<sup>7</sup> O livro é endereçado às crianças e tem muitas

fotos grandes de nuvens felpudas flutuando em um céu azul. Em cada página do livro há uma frase, escrita em letras garrafais, deixando bem clara a mensagem do livro. Note o que ela diz sobre o céu:

[o céu] Pode ser qualquer lugar que você quiser [...] é um lugar lindo, onde você pode se sentar sobre nuvens macias e conversar com todas as pessoas que estão ali. À noite, você pode se sentar ao lado das estrelas mais brilhantes de todo o universo [...] se você for bom durante toda a sua vida, então você vai para o céu [...] quando a sua vida terminar aqui na terra. Deus enviará anjos que vão levá-lo ao céu para você estar sempre com ele. [E a vovó está] viva em mim [...]. E o mais importante: ela me ensinou a acreditar em mim [...] ela está em um lugar seguro, com as estrelas, com Deus e os anjos [...] e está velando por nós lá de cima.

“Eu quero que você saiba” [diz a heroína a sua bisavó] “que embora você não esteja mais aqui, seu espírito sempre estará vivo em mim.”<sup>8</sup>

Milhões de pessoas no mundo ocidental creem e aceitam isso como verdade, e ensinam aos seus filhos. Esse livro me chegou às mãos através de um amigo que trabalha com crianças que sofreram perdas. Ele considerou-o “um dos piores livros para crianças”, e comentou: “Espero que esse livro o ajude a saber o que não dizer às crianças!”. Ele é, de fato, bastante útil nesse sentido. A verdade ensinada pela Bíblia é muito, muito diferente, em vários aspectos.

De certo modo, as pessoas ficam admiradas quando alguém lhes diz que a Bíblia fala muito pouco sobre “ir para o céu quando morrer”, e menos ainda sobre um inferno após a morte. As imagens medievais de céu e inferno, estimuladas pela obra clássica de Dante, têm exercido uma enorme influência na imaginação dos cristãos. Muitos creem que “céu” no Novo Testamento é o lugar para onde vão os salvos após a morte. Quando o Evangelho de Mateus se refere ao “reino de Deus”, essa expressão é

traduzida nos outros Evangelhos como “reino dos céus”. Como muitos iniciam a leitura dos Evangelhos pelo livro de Mateus, quando leem o que Jesus falou sobre “entrar no reino dos céus”, imaginam que ele na verdade estivesse se referindo a “como ir para o céu quando morrer”, o que certamente não é o que Jesus ou Mateus tinham em mente. Isso tem dado margem a tantas suposições que precisamos saber distinguir entre “o que a Bíblia ensina” e “o que os cristãos acreditam”.<sup>9</sup>

Na linguagem do Novo Testamento, “reino de Deus” não diz respeito a um destino pós-morte nem a escapar deste mundo para outro. Jesus está se referindo ao governo soberano de Deus “assim na terra como no céu”.<sup>10</sup> Essa interpretação equivocada surgiu como resquício do platonismo e tem contaminado várias correntes do pensamento cristão, induzindo as pessoas ao erro e fazendo-as supor que os cristãos devem desvalorizar tudo que diz respeito à vida presente, por considerá-la corrupta e vergonhosa.

Do mesmo modo, as imagens do céu descritas no livro do Apocalipse têm sido muito mal-interpretadas. A descrição maravilhosa que lemos em Apocalipse 4 e 5, dos 24 anciãos depositando suas coroas diante do trono de Deus e do Cordeiro, ao lado do mar de cristal não é, a despeito do que diz um dos grandes hinos de Charles Wesley, uma descrição do dia final, com todos os remidos reunidos no céu.<sup>11</sup> Trata-se de uma descrição da realidade *presente*, da dimensão celestial de nossa vida hoje. Quando a Bíblia fala em “céu”, ela geralmente não está se referindo ao nosso destino futuro, mas a uma outra dimensão, oculta, de nossa vida comum — ou, se você preferir, a uma dimensão divina. Deus criou o céu e a terra, e no final, ele irá restaurá-los e uni-los para sempre. Quando chegamos à verdadeira imagem do dia final nos capítulos 21 e 22 do Apocalipse, não encontramos as almas resgatadas, sem corpo, andando pelo céu, mas a nova Jerusalém descendo do céu e unindo-se à terra em um abraço eterno.<sup>12</sup>

A maioria dos cristãos, porém, não está muito preocupada com isso. Eles se satisfazem com aquela que é, na melhor das hipóteses, uma versão truncada e distorcida da grande esperança bíblica. Essa imagem é reforçada em hinos e orações, nos mausoléus e nos tratados de teologia e história. A palavra “céu” parece ser o termo apropriado para designar o destino *definitivo*, o “lar” final, e a linguagem da “ressurreição”, com o novo céu e a nova terra, deve se ajustar a isso.<sup>13</sup>

O que vemos na igreja, hoje, é uma mistura de variadas crenças. Os conceitos tradicionais de céu e inferno caíram em descrédito. Muitos se recusam a crer no inferno. Porém, essa recusa, paradoxalmente, tem levado as pessoas a descrerem da promessa do céu, pois se todos estão no mesmo barco, parece injusto permitir que alguns cheguem diretamente ao destino em vez de continuarem a longa jornada pós-morte. A ideia de uma “jornada” após a morte tem se tornado bastante comum, apesar de não ter respaldo bíblico nem no pensamento cristão primitivo. Tenho observado também a reabilitação de uma versão moderna e aprimorada do antigo conceito de purgatório: uma vez que no momento da morte ainda não estamos preparados para um encontro com o nosso Criador, precisamos (é o que se sugere) de um período de refinamento, para podermos crescer em direção à luz (é preferível colocar as coisas dessa maneira em vez de enfatizar o “purgar” e outras coisas desagradáveis).<sup>14</sup> Muitos têm abraçado uma crença universalista, segundo a qual Deus oferece contínuas oportunidades para o pecador se arrepender até vê-lo sucumbir ao amor divino.<sup>15</sup> Para alguns, o céu tradicional parece um lugar insuportavelmente chato — ficar sentado numa nuvem tocando harpa o tempo todo realmente não é uma ideia muito atraente — e eles não têm nenhuma vontade de ir para lá. Outros têm declarado, com certo desprezo, que um Deus que espera que as pessoas o adorem por toda a eternidade não é alguém que mereça nosso respeito. Aqueles que identificam a imagem ortodoxa à uma vida humana vibrante e ativa, refletindo a imagem de Deus nos novos céus e na nova terra, são

muitas vezes acusados de projetar o estilo de vida contemporâneo na tela do futuro.

## OS EFEITOS DA CONFUSÃO

Essas interpretações equivocadas transparecem nas letras dos hinos que cantamos, no modo como celebramos as datas do calendário litúrgico e nas cerimônias fúnebres. Alguns exemplos comprovam o que quero dizer.

Começemos pelos hinos. Uma rápida passada de olhos pelos hinários revela que muitas das referências sobre a vida depois da morte estão mais próximas às ideias de Tennyson, ou mesmo de Shelley, que do cristianismo ortodoxo:

Até nos perdermos acima, nos céus,  
No oceano do teu amor.

Essas palavras são de John Keble, um devotado cristão, mas quem se perdeu aqui foi ele, não no cristianismo, mas em uma gota de escatologia budista.<sup>16</sup> Note o que diz seu colega do Movimento Oxford, John Henry

Newman, numa descrição quase gnóstica:  
Teu poder há tanto me abençoa, que por certo  
Me conduzirá pelos desertos e vales,  
No abismo ou na torrente,  
Até que a noite se vá.  
E pela manhã, aqueles rostos angelicais,  
Que eu amei há muito tempo, agora perdidos,  
Sorriem.

Newman *realmente* acreditava que teria vivido uma outra vida com os anjos antes de ter nascido, e que voltaria a essa vida no devido tempo? Embora a imagem do peregrino solitário sendo conduzido por desertos e vales seja uma ideia forte e romântica, ele realmente achava que o mundo e a vida presente poderiam ser descritos simplesmente como “noite”?<sup>17</sup>

E o que dizer do platonismo evidente do hino *Comigo Habita*, ainda um favorito em muitos círculos:

A manhã do céu raiou, e as trevas vão se foram.

Há hinos inteiros que incorporam essa corrente de pensamento, como *Minh'Alma, Há Um País*, de Vaughan, e *Há um País de Eterna Luz*, de Isaac Watts. Prefiro Watts, afinal ele usa a tipologia bíblica da travessia do Jordão e da entrada na Terra Prometida, enquanto Vaughan revela uma forte influência do pensamento platônico, com pouco conteúdo cristão. Ao folhear o hinário, descobri dezenas de outros exemplos, e nem todos podem ser justificados pelo processo de seleção da época, quando a teologia defendia esse tipo de pensamento.

Um antigo hino natalino declara nos versos finais:

Eis que se aproxima o dia

Anunciado pelos poetas e profetas,

Quando o ciclo eterno do tempo chegar aos anos dourados.

Quando a paz vier sobre toda a terra

Cobrindo-a com seu antigo esplendor,

O mundo inteiro cantará novamente a canção

Que os anjos cantam agora.

Trata-se de uma canção de natal muito querida, mas a ideia de ciclos da história voltando finalmente aos anos dourados não é nem cristã, nem

judaica, mas claramente pagã. Falando ainda em canções de natal, considere o último verso da canção *Num Berço de Palha*, que diz: “Ó dá-nos entrada no teu doce lar”. Sem ressurreição, sem nova criação; sem união entre céu e terra. Quando encontramos em nosso próprio hinário evidências do romantismo religioso e universalista de

Paul Gerhardt em seu poema *O Dia da Labuta Agora se Encerra*, somos tentados a pensar que quem compilou os hinos conferiu apenas o primeiro verso e não se preocupou em verificar a teologia dos demais.

De outra forma, alguém poderia achar estranho que uma vida sem fé, no presente, pudesse levar à salvação na vida futura em uma fuga platônica da criação:

Por um tempo sua cegueira mortal  
Pode impedi-lo de ver a bondade de Deus,  
Tateando sem fé;  
Mas quando a vida terminar  
A noite agradável da morte irá descortinar  
Os campos da vida eterna.

A morte no Novo Testamento nunca é uma “noite agradável”. Ela é um inimigo, conquistado por Jesus, mas ainda aguardando sua derrota final.

Alguns hinos das igrejas avivadas e carismáticas caem no mesmo erro que as visões equivocadas da “segunda vinda”, ao sugerirem que Jesus voltará para levar seu povo para o “lar” no céu. A última estrofe do magnífico hino *Grandioso És Tu* declara:

E quando Cristo, o amado meu, voltando  
Vier dos céus o povo seu buscar

No lar eterno quero, jubilando,  
A tua santa face contemplar.

De fato, a versão original (em sueco) não fala de Cristo voltando para buscar seu povo. Trata-se de uma adaptação do tradutor. O hino fala do véu do templo caindo, da fé transformada em firme convicção, e dos sinos da eternidade convocando-nos para o descanso sabático, o que é bem mais aceitável.<sup>18</sup>

Há, com certeza, alguns hinos que se destacam por serem contra essa tendência. *Jerusalém de Ouro* chama a atenção para os últimos e decisivos capítulos do Apocalipse. Poucos hinos se referem ao fato de ser “acordado pelo último e terrível chamado” ou ao “erguer-se glorioso no último dia”. Um grande hino fala de Deus realizando seu propósito para que “a terra se encha com a glória de Deus como as águas cobrem o mar”. O hino *Para Todos os Santos*, porém, é o que melhor expressa a ênfase do Novo Testamento. As primeiras estrofes celebram a vida dos santos, a quarta fala de nossa comunhão com eles e a quinta, de como eles nos fortalecem. A penúltima estrofe, entretanto, fala de nos unirmos a eles em sua morada, que *não é* o lugar de descanso final, mas um lugar provisório de descanso, alegria e refrigério, chamado paraíso:

A noite dourada ilumina o Oeste; Breve, breve chegará o descanso para os guerreiros fiéis: Doce é a calma do Paraíso abençoado. Aleluia!  
Aleluia!

A ressurreição ocorre somente depois disso: Vede! Eis que se aproxima um dia ainda mais glorioso; Os santos triunfantes se levantam em exultante cortejo: e O Rei da glória os guiará em seu caminho. Aleluia!  
Aleluia!

A estrofe final fala da chegada triunfante à nova Jerusalém.<sup>19</sup>

A maneira como celebramos nosso calendário litúrgico revela essa mesma confusão. Tenho alertado sobre o grande equívoco que tem permitido dois dias de comemorações por todos os santos e todas as almas, precedidos por algo ainda mais confuso que é o *Halloween*. Aqueles que celebram esse duplo (ou triplo) evento acreditam na teologia medieval, que via algum sentido nele. Isso reflete, porém, a confusão de uma igreja que deixou de crer no céu e, provavelmente, não acredita mais no inferno, preferindo um tipo de purgatório amenizado, deixando de lado a ressurreição do corpo, a nova criação e a nova Jerusalém descendo do céu à terra.<sup>20</sup>

Entretanto, este é apenas um aspecto de toda essa confusão religiosa. Em algumas instituições anglicanas, grande parte do calendário cristão tem sido deturpada. As celebrações do Advento, os quatro domingos que antecedem o Natal, costumavam se concentrar nas doutrinas da segunda vinda e do juízo final. Hoje, os lecionários mudaram tudo, e vários aspectos da preparação para o Natal foram substituídos por outros. Os pouco mais de trinta dias antes do Advento — praticamente todo o mês de novembro — foram chamados, durante algum tempo (na década de 1990), de “Época do Reino”, quando se faziam várias suposições peculiares e inconsistentes sobre a morte e o que vem depois. Embora essa designação tenha sido retirada, a confusão permanece, refletida em várias orações litúrgicas que falam de “santos desfrutando do reino de luz” — a despeito do que diz o Novo Testamento — como se o “reino” de Deus fosse um lugar chamado “céu”, para onde são levados alguns cristãos, mas não todos, depois que morrem.

Já faz tempo que o Natal tomou o lugar da Páscoa como a principal celebração do ano litúrgico cristão — invertendo completamente a ênfase do Novo Testamento. Procuramos, às vezes, construir toda uma teologia sobre o Natal nos nossos hinos, orações e sermões, mas ela não tem como se sustentar. Guardamos, então, a Quaresma e a Semana Santa com tanto empenho que nos sobra pouca energia para a celebração da Páscoa, que

deveria ser o centro das comemorações. Se eliminarmos a Páscoa, não restará, praticamente, nada.

Essas mesmas confusões transparecem na maneira como sepultamos nossos mortos. Os rituais fúnebres têm passado por algumas mudanças. Antes, porém, de comentar sobre isso, gostaria de dar uma palavra sobre a teologia implícita e sustentada por muitos que optam pela cremação e não pelo sepultamento. Certamente foram muitas as razões ligadas à higiene e à superpopulação que levaram os reformadores a propor a cremação a partir do fim do século passado. Nem todos os cristãos ocidentais sabem que a cremação se opõe firmemente à ortodoxia oriental (a despeito da carência de terra na Grécia, por exemplo), bem como à dos judeus ortodoxos e muçulmanos. Essa prática está mais inserida à teologia hindu ou budista; e isso é uma amostra de para aonde nossa cultura está nos levando. Quando as pessoas pedem que suas cinzas sejam espalhadas nas encostas de uma colina ou em sua praia preferida, podemos concordar com o sentimento (embora essa escolha não dê aos enlutados um lugar específico para visitar), no entanto, o desejo implícito de se fundir novamente à natureza, sem a afirmação de uma vida futura em um novo corpo, é completamente contrário à teologia cristã clássica.

Não estou afirmando que a cremação seja herética. Falarei, oportunamente, sobre sua relação com a ressurreição física. Estou simplesmente constatando que a preferência por essa opção a partir do século passado reflete, ao menos em parte, algumas das confusões que temos observado, tanto na igreja como no mundo. Uma cerimônia realizada em um crematório é bem diferente de um funeral realizado em um local onde as pessoas se reúnem semanalmente para orar e adorar a Deus, e para as celebrações de eucaristia, batismos e casamentos. A meu ver, há algo de maravilhoso e profundo em entrar na igreja passando pelo cemitério, onde estão sepultados os que adoraram ali no passado. Mas isso é outra história.

No caso específico dos funerais, a confusão se reflete bem fielmente (se é que essa é a palavra certa). Tantas coisas têm acontecido em diferentes denominações que só farei comentários mais específicos sobre a minha própria denominação, a Igreja da Inglaterra. Alguns sinais indicam que a situação não é diferente em outros lugares. Quando as novas liturgias fúnebres da Igreja da Inglaterra entraram em vigor, no final do século 20, foram colocados à disposição vários recursos para ajudar o clero a tirar o melhor proveito possível das sutis e, algumas vezes, arduas oportunidades pastorais. Um desses livros, publicado pela editora oficial da Igreja e recomendado por figuras de destaque na congregação, é um excelente guia sobre o assunto — exceto pelo fato de não fazer nenhuma referência à ressurreição.<sup>21</sup> Isso pode não ser tão surpreendente quando examinamos nossos próprios cultos. Felizmente, o tema da ressurreição ainda não desapareceu das igrejas, mas está esquecido, e a tendência geral é de apoiar a visão predominante de um único estágio após a morte (“transforme a escuridão da morte na aurora de uma nova vida, e a tristeza da partida na alegria do céu”, como diz uma oração).<sup>22</sup> Em outras palavras, isso significa que se alguém for a um desses cultos fúnebres sem ter nenhuma ideia do que diz o ensino clássico judaico-cristão sobre o assunto, esse culto fúnebre pouco contribuirá para esclarecer essa pessoa, ao contrário, poderá induzi-la ao erro ou aumentar a confusão em que ela se encontra.

As “orações de dedicação e de entrega” também oferecem pouca ajuda:

[...] entregamos (fulano) em teus braços de misericórdia, Credo que, com os pecados perdoados,  
Ele compartilhará para sempre de um lugar de felicidade, luz e paz Em teu reino de glória.

[...] agora, Senhor, receba-o em tua mesa no céu  
Para que ele compartilhe da vida eterna com todos os santos.

Entregamos (fulano) à tua misericórdia

E oramos para que ele/ela se una a ti

E que dê a nós tua bênção de paz...

Nós o entregamos à tua misericórdia,

E oramos para que nos mostres o caminho da vida,

E da alegria plena da tua presença

Por toda a eternidade.<sup>23</sup>

Em meio à essa sequência de orações, uma se destaca por afirmar claramente algo que os cristãos primitivos teriam gostado de ouvir:

Confiando em tua fidelidade,

Nós entregamos (fulano) à tua misericórdia

Enquanto aguardamos aquele grande dia

Quando tu nos levantarás com ele para vivermos em triunfo.

E nós estaremos diante de ti,

Com toda a tua criação, renovada,

Na glória de teu reino celestial.

O último verso talvez deixe alguma dúvida, uma vez que a essência da nova criação e da própria ressurreição é a de que esse é o momento em que, finalmente, o “reino dos céus” *chegará a terra*.

Dessa forma, o novo culto fúnebre da Igreja da Inglaterra, oferece pouca indicação da crença cristã clássica, bem como o “sepultamento das cinzas”, que termina com três orações:

Pai celeste,

Nós te agradecemos por aqueles que amamos e não mais vemos.

Ao nos lembrarmos de (fulano) neste lugar,

Mantenha diante de nós o nosso começo e o nosso fim,  
O pó de onde viemos  
E a morte para a qual nos dirigimos.  
Com uma firme esperança em teu amor eterno e em teus propósitos para  
conosco,  
[aqui, as liturgias mais antigas diriam: “Na esperança firme e certa  
da ressurreição”, ou algo semelhante],  
Em Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Deus da esperança,  
Conceda que nós, com tudo o que temos crido em ti,  
Possamos estar unidos no pleno conhecimento do teu amor  
E na visão clara da tua glória;  
Por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Que a infinita e gloriosa Trindade,  
Pai, Filho e Espírito Santo,  
Dirija a nossa vida para as boas obras,  
E após a nossa jornada por este mundo,  
Conceda-nos descanso eterno com todos os santos. Amém.<sup>24</sup>

Todas essas, certamente, são orações tocantes, humildes e bondosas, mas não mencionam a verdadeira esperança cristã. Espero que aqueles que consideram seriamente o tema deste livro examinem as práticas litúrgicas da igreja em todos os detalhes e tentem descobrir novas maneiras de expressar, incorporar e transmitir os ensinamentos do Novo Testamento, e não as teorias e opiniões deturpadas, mal-interpretadas e inconsistentes mencionadas nos primeiros capítulos deste livro. Para ser franco, o que temos atualmente não é, como costumavam dizer as antigas liturgias, “a esperança firme e certa da ressurreição dos mortos”, mas um sentimento vago e impreciso de que as coisas, de algum modo, terminarão bem.

As liturgias fúnebres contemporâneas têm suscitado várias discussões,<sup>25</sup> porém, não cabe aqui um debate detalhado sobre essas questões. Gostaria apenas de destacar que o engano clássico que identifica a “ressurreição” como “ir para o céu” tem se tornado cada vez mais comum. Vejamos, por exemplo, o que diz Paul Sheppy no texto *A Palavra da Ressurreição*:

Senhor, tu, que renovas a face da terra,  
Acolha junto a ti (fulana), a quem temos amado,  
E conceda a ela todas aquelas coisas  
Que olhos não viram, nem ouvidos ouviram,  
Nem coração algum jamais imaginou.<sup>26</sup>

Esta, novamente, não é “a esperança firme e certa da ressurreição do corpo”, firmada na ressurreição do próprio Jesus e inserida na promessa de novos céus e nova terra. Trata-se da esperança generalizada e piedosa de uma imortalidade bem-aventurada, que começa mais ou menos agora e continua por um futuro indeterminado. Além disso, a dificuldade em distinguir entre essa situação bem-aventurada, porém temporária, em que se encontra o povo de Deus após a morte e a ressurreição final, pela qual toda a criação anseia, tem achado espaço nas orações eucarísticas breves e em muitos outros recursos litúrgicos e devocionais. Não podemos simplesmente ignorar essas questões, alegando a existência de “visões diferentes em relação a esses tópicos”. Nossa crença sobre a morte e a ressurreição influi diretamente sobre todas as demais. Se não tomarmos cuidado, estaremos oferecendo uma mera “esperança”, incapaz de provocar surpresa ou de transformar vidas e comunidades, que não é fruto da própria ressurreição de Jesus e da expectativa de novos céus e nova terra.

Vimos até aqui que os hinos, o calendário litúrgico cristão e as cerimônias fúnebres atestam os mesmos fatos. Talvez a teologia mais liberal e sua visão

de mundo mais aberta, que acompanha a confusão atual, seja igualmente importante nesse sentido.

## IMPLICAÇÕES MAIS ABRANGENTES DA CONFUSÃO

A crença na vida além-túmulo pode interferir nas questões mais abrangentes da vida e do pensamento cristão. Ao fazer a famosa afirmação de que a religião é o ópio do povo, Karl Marx supôs que os governos opressores usassem a promessa de uma vida feliz no futuro para tentar deter as revoltas populares. Isso, de fato, aconteceu muitas vezes. Minha impressão, porém, é que isso acontece quando a “religião” em questão implica a degradação platônica do corpo e de toda a criação, considerando-os como “sombras vãs” da terra, deixados alegremente para trás com a morte. Por que tentar melhorar essa prisão em que vivemos se em breve estaremos livres dela? Por que lubrificar o motor de um carro que em breve despencará de um penhasco? É exatamente assim que pensam alguns cristãos dedicados, por acreditarem, de fato, que a “salvação” não tem nada a ver com a vida presente.

No entanto, o que se pode observar claramente é que a sólida doutrina judaico-cristã considera a ressurreição como parte da nova criação de Deus e valoriza o mundo presente e os nossos corpos atuais, estabelecendo uma continuidade entre o mundo presente e o futuro, de modo que o que fazemos no presente é visto como algo de extrema importância. Paulo fala da ressurreição futura como a razão primordial para tratarmos nossos corpos de maneira adequada (cf. 1Co 6.13-14) e não ficarmos sentados esperando as coisas acontecerem. Ao contrário, devemos nos esforçar, sabendo que tudo que fazemos para o Senhor, no tempo presente, não será desperdiçado no futuro (cf. 1Co 15.58). Retornaremos ao tema mais adiante.

Portanto, a doutrina cristã clássica, na verdade, é muito mais poderosa e revolucionária que a filosofia platônica. Foram as pessoas que acreditavam

piamente na ressurreição que se opuseram a César nos primeiros séculos da era cristã, e não aquelas que preferiam uma vida mais espiritualizada. Aqueles que veem a morte como o esperado momento de “ir para casa”, em que seremos “chamados à paz eterna de Deus”, não têm motivo para entrar em conflito com pessoas sem escrúpulos, dispostas a destruir o mundo se isso lhes trazer algum benefício. A crença na ressurreição sempre vem acompanhada por uma forte visão da justiça de Deus. Essa crença não leva a uma tolerância passiva diante das injustiças do mundo, mas a uma firme determinação de lutar contra as injustiças. É como dizer que os evangélicos ingleses desistiram de tentar melhorar a sociedade (veja o exemplo de Wilberforce, no final do século 18 e início do 19) ao mesmo tempo que deixaram de crer na ressurreição e se conformaram com um céu sem corpos encarnados. Voltaremos a esse tema crucial no fim do livro.

## QUESTÕES-CHAVE

Espero que a breve análise apresentada nesses dois primeiros capítulos tenha sido suficiente para dar ao menos uma ideia da confusão reinante nas igrejas e no mundo atual. Vamos, agora, levantar as questões-chave subjacentes ao tema desse livro para dar prosseguimento às discussões em busca de respostas, sugeridas nos próximos capítulos. As duas primeiras questões permeiam todo o livro, portanto não há um capítulo especialmente dedicado a elas. A primeira questão é: o que sabemos, de fato, sobre a morte e sobre o que vem depois? A Igreja da Inglaterra, à qual pertenço, afirma que sua doutrina é baseada nas Escrituras, na tradição e na razão, unidas e combinadas.<sup>27</sup> Entretanto, boa parte de nossa crença sobre a morte e o que vem depois parece não se originar de nenhuma dessas fontes, mas de influências culturais relacionadas, quando muito, às tradições pseudocristãs, que devem ser reavaliadas à luz das Escrituras. A maioria dos cristãos, e quase todos os não-cristãos, desconhecem o ensino das Escrituras sobre a vida futura. É claro que as evidências de estudos parapsicológicos e das

chamadas experiências no “limite da morte” não podem ser ignoradas, mas elas facilmente se misturam às crenças populares. Nossa preocupação aqui é deixar de lado essas crenças e nos concentrarmos nas quase sempre esquecidas riquezas da tradição cristã, encontradas nas Escrituras.

A segunda questão é: temos, de fato, uma “alma”? E se temos, ela é realmente imortal? A tradição cristã e subcristã geralmente supõe que todos nós temos uma “alma”, e que essa alma precisa de “salvação”. É essa “alma”, que quando “salva”, vai para o “céu” quando morremos. Nenhuma dessas ideias, no entanto, é baseada no Novo Testamento. Nos ensinamentos de Jesus, a palavra “alma”, embora pouco comum, reflete expressões básicas em hebraico ou aramaico, relacionadas não a uma entidade separada do corpo, mas ao que poderíamos chamar de parável a Deus. Quanto à imortalidade, 1 Timóteo 6.16 declara que somente Deus possui a imortalidade, e 2 Timóteo 1.10 afirma que Jesus trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho. Em outras palavras, a ideia de que todo ser humano possui uma alma imortal, e que esta corresponde à parte “verdadeira” dele, tem pouco respaldo bíblico.

Toda reflexão cristã sobre esse assunto deve começar pela própria ressurreição de Jesus. Porém, para entender o significado da ressurreição para os primeiros discípulos e por que eles chegaram a determinadas conclusões, é preciso antes considerar as opiniões sobre a vida após a morte no contexto da igreja primitiva, isto é, dentro da comunidade judaica do primeiro século, enraizada no Antigo Testamento e na cultura greco-romana.

Assim, no capítulo 3, examinaremos as diferentes crenças sobre a vida após a morte existentes no mundo antigo, e o caráter radical e revolucionário da crença judaica na ressurreição, que floresceu nos tempos de Jesus. No capítulo 4, veremos as implicações de todas essas crenças à ressurreição do próprio Jesus.

Com isso, chegamos à segunda parte deste livro, a mais importante, na qual encontramos a pergunta: qual é a suprema esperança cristã para o mundo inteiro, e para os cristãos, especificamente? Dividi essa parte em três tópicos, cada um com suas próprias subdivisões. O primeiro tópico diz respeito ao futuro de todo o universo; o segundo, trata do que queremos dizer quando falamos que Jesus “virá novamente para julgar os vivos e os mortos”; e o terceiro se refere à crença verdadeira sobre “a ressurreição do corpo e a vida eterna”. Há ainda um outro tópico, que, devido à sua importância, transformei em um livreto à parte.<sup>28</sup> Esse tópico aborda, de forma resumida, as seguintes questões: onde estão os mortos, especialmente os cristãos, no momento presente? O que podemos afirmar sobre a situação deles no presente? Devemos orar *pelos* mortos? Podemos orar *para* os mortos? Podemos ter algum tipo de contato com os mortos? O que é a “comunhão dos santos”? E, por último, mas não menos importante, qual a maneira adequada de os cristãos expressarem seu pesar pela morte de um ente querido?

Na terceira e última parte, voltamos do passado (Parte 1) e do futuro (Parte 2) para o presente, e perguntamos: como podemos celebrar apropriadamente essa esperança e vivê-la em nosso próprio contexto? Quais as implicações disso para o cumprimento da missão e da tarefa da igreja no mundo? O que representa essa “esperança”, não apenas em relação ao futuro final, mas ao futuro próximo? Que surpresas essa esperança nos reserva?

O livro todo reflete, assim, a oração do Pai-Nosso ao dizer, “venha o teu reino [...] assim na terra como no céu”. Essa é uma das frases mais poderosas e revolucionárias que podemos dizer. Entendo que essa poderosa oração foi respondida na primeira Páscoa, e será plenamente cumprida quando o céu e a terra se unirem na nova Jerusalém. Na Páscoa, aquele que representa a própria esperança surpreendeu a todos, ao deixar um lugar de proeminência no futuro para vir para o presente. A esperança futura e suprema continua a nos surpreender, de um lado, porque não sabemos

quando ela virá, de outro, porque, no presente, só temos imagens e metáforas dela, deixando-nos na expectativa de que a realidade será ainda muito melhor, e mais surpreendente. Por fim, a esperança intermediária — tudo que acontece no tempo presente, que implementa a Páscoa e prenuncia o dia final — sempre nos surpreende, porque somos inclinados a confundir as coisas, achando que poderiam piorar, mas que não temos como impedir. Estamos errados. Nossa tarefa no presente — para a qual esse livro poderá contribuir, se Deus quiser — é viver, como povo da ressurreição, uma vida cristã comunitária e individual, em adoração e missão, relembando a Páscoa e antecipando o dia final.

---

1. Henry Scott Holland, “The king of terrors”, em *Facts of the faith*; being a collection of sermons not hitherto published in book form. Christopher Cheshire, ed. (Londres: Longmans, Green & Co., 1919), p. 125-34.↵
2. “Death be not proud”, em Helen Gardner, ed., *The new Oxford book of english verse* (Oxford: Oxford University Press, 1972), p. 197. A pontuação do último verso se torna um verso principal na peça de Edson, *Wit* (veja acima, 13ss.).↵
3. Compare a famosa oração de Donne, “Traz-nos Senhor, em nosso último despertar para a casa e para o portão do céu”. Talvez quiséssemos esclarecer o uso de “céu” para a vida ressurreta, como veremos, mas o argumento que estou levantando é o de que Donne foi claro sobre a existência de dois estágios pós-morte, com a relação entre o primeiro e o segundo estágios sendo concebida em termos de sono e despertar.↵
4. É por isso que acho extraordinário que um estudioso tão bom quanto Douglas J. Davies possa dizer que o “cristianismo glorificou a morte”, e que “a simples existência da Páscoa” levou as pessoas a “falarem da vida humana como uma jornada através da vida até a cidade celestial”: *A brief history of death* (Oxford: Blackwell, 2005), p. 7. O livro de Davies é excelente pelo modo como marginaliza por completo a ressurreição ou a faz cair dentro de uma vida celestial após a morte.↵
5. Brian Innes, *Death and the afterlife* (Nova York: St Martin’s Press, 1999).↵
6. Shakespeare, *Hamlet*, Ato 3, Cena 1.↵
7. Maria Shriver, *Whats ’ heaven?* (Nova York: St Martin’s Press, 1999).↵

8. As páginas não estão numeradas. Esses extratos condensam a mensagem principal de todo o livro, que é pequeno.↵
9. Um corretivo saudável para todos esses tipos de coisas é encontrado em uma série de livros de Randy Alcorn, principalmente *Heaven* (Carol Stream, IL.: Tyndale House, 2004). É facilmente ter caído nas trivialidades do tipo Shriver, mas seu estudo da escritura o levou a uma visão muito mais robusta e bíblica — embora ele ainda use a palavra “céu” quando o que fala enfaticamente o tempo todo é sobre os novos céus e a nova terra.↵
10. Menciono isto de forma abrangente em *Jesus and the victory of God* (Londres: SPCK; Minneapolis: Fortress Press, 1996) e *The challenge of Jesus* (Londres: SPCK; Downers Grove, IL.: InterVarsity Press, 2000).↵
11. “Até lançarmos nossas coroas diante de ti/ absortos em admiração, amor e louvor”, de “Amor divino, que excede a todos os amores”.↵
12. É fascinante observar como, mesmo em face do ensino claro e inequívoco de Apocalipse 21 sobre “os novos céus e a nova terra”, e sobre a nova Jerusalém descendo do céu, alguns autores continuam a referir-se a tudo isso simplesmente como “céu”: por ex., Roland Chia, *Hope for the world; a christian vision of the last things* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005), p. 102, contrastado com sua breve e mais recente abordagem em 129-33.↵
13. Conforme, por exemplo, Peter Stanford, *Heaven; a traveller’s guide to the undiscovered country* (Londres: HarperCollins, 2003); e mesmo Alister E. McGrath, *A brief history of heaven* (Oxford: Blackwell, 2003). Consideravelmente mais detalhado e variado, mas com várias das mesmas falhas, são Colleen McDannell e Bernhard Lang, *Heaven; a history* (New Haven e Londres: Yale University Press, 2 ed., 2001 [1988]) e Jeffrey Burton Russell, *A history of heaven* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1997). A obra mais antiga de Ulrich Simon, *Heaven in the christian tradition* (Londres: Rockliff, 1958) faz seu melhor para combinar visões tradicionais do céu com a solidez da ressurreição (“A Bíblia vê o céu e a terra como um único mundo. Se a terra é espacial, assim é o céu”, p. 126), mas, embora importante e reflexivo, o livro não chega a resolver bem as questões do modo como o Novo Testamento resolve.↵
14. Veja a extraordinária declaração sobre isso no livro de David Edwards, *After death? Past beliefs and real possibilities* (Londres: Cassell, 1999), p. 78. Para uma discussão mais ampla desse ponto, veja o capítulo 8.↵
15. Uma declaração clássica dessa posição é encontrada em John Hick, *Evil and the God of love* (Londres: Fontana, 1974).↵
16. John Keble, “Sun of my soul, thou Saviour dear”.↵

17. J. H. Newman, “Lead, kindly Light”.↵
18. Sou grato ao rev. Peter Tyreus por mostrar-me a diferença entre o hino da forma como os falantes da língua inglesa conhecem e o original em sueco.↵
19. Esse ponto parece não ter sido notado por Stephen Smalley, *Hope for ever; the christian view of life and death* (Milton Keynes: Paternoster Press, 2005), 79, que trata o “descanso” e a “calma” como parte de estado celestial definitivo e não-diferenciado. Isso se harmoniza com sua visão de que uma “ressurreição espiritual” nos aguarda após a morte (17, 78); cf. 65: a ressurreição será “espiritual e relacional, ao invés de física”.↵
20. Veja meu livro *For all the saints? Remembering the christian departed* (Londres: SPCK, Harrisburg, PA: Morehouse Publishing, 2003).↵
21. R. Anne Horton, *Using common worship funerals; a practical guide to the new services* (Londres: Church House Publishing, 2000). Para ser justo, a palavra “ressurreição” ocorre uma ou duas vezes, mas somente em citações de cultos efetivamente realizados; ela não é discutida na “introdução teológica”, nem está no índice — a despeito da afirmação de que “um grande cuidado se teve para honrar a extensão do entendimento teológico que é sustentado dentro da Igreja da Inglaterra”, p.61.↵
22. *Common worship; funeral* (Londres: Church House Publishing, 2000), p. 6 (p. 260 na versão completa de *Common Worship*).↵
23. *Common worship; funeral*, p. 39ss. (p. 373ss. na versão completa)↵
24. *Common worship; funeral*, p. 51 (p. 330 na versão completa). Verdadeiramente, as palavras de “compromisso” que precedem essas orações usam a frase “esperança certa e segura da ressurreição para a vida eterna”. Minha crítica é de que a estrutura e a tendência desses cultos encorajam as pessoas a tratarem essa frase tradicional simplesmente como uma metáfora para “irá para o céu quando você morrer”.↵
25. Veja, por exemplo, D. G. Rowell, *The liturgy of christian burial* (Londres: Alcuin/ SPCK, 1997); P. C. Jupp e A. Rogers, ed., *Interpreting death; christian theology*; v. II, *A commentary on liturgical texts* (Londres: Ashgate, 2003) e *In sure and certain hope; liturgies, prayers and readings for funerals and memorials* (Norwich: Canterbury Press, 2003).↵
26. Sheppy, *In sure and certain hope*, p. 26. A base teológica para esse colapso de categorias está clara na obra de Sheppy, *Death, liturgy and ritual*, p. 81ss, onde a ressurreição corpórea é desprezada como irrelevante, a despeito da insistência de Sheppy no abandono ao dualismo corpo/alma: “a ressurreição do corpo significa que, fora da morte, somos incorporados finalmente

em Deus, e em Cristo”. Para isso, a única resposta possível é que, não, não é isso o que significa “a ressurreição do corpo”.↵

27. Veja meu livro *Scripture and the authority of God* (Londres: SPCK, 2005; título norte-americano, *The last word*, San Francisco: HarperSanFrancisco, 2005).↵

28. Wright, *For all the saints?*↵

---

**Caro leitor:**

**Acesse [www.ultimo.com.br](http://www.ultimo.com.br) e faça seu comentário sobre este livro. Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.**

---

## SURPREENDIDO PELA ESPERANÇA

Categoria: Vida Cristã / Teologia / Apologética

---

Copyright © Nicholas Thomas Wright, 2007

Publicado originalmente por Society for Promoting Christian Knowledge, London, England.

Título original em inglês: *Surprised by Hope*

Primeira edição: *Dezembro de 2009*

Coordenação editorial: *Bernadete Ribeiro*

Tradução: *Jorge Camargo*

Preparação e revisão: *Heloisa Wey Neves Lima*

Colaboração: *Paula Mazzini Mendes*

Capa: *Ale Gustavo*

Produtora ePub: *Booknando*

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

ISBN 978-65-86173-82-6

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)



[facebook.com/editora.ultimato](https://facebook.com/editora.ultimato)



[twitter.com/ultimato](https://twitter.com/ultimato)



[instagram.com/editoraultimato](https://instagram.com/editoraultimato)